

## APRESENTAÇÃO

Há muito tempo as grandes teorias explicativas das Ciências Sociais têm sido contestadas por não conseguirem responder sozinhas à complexidade das relações sociais presentes na contemporaneidade. Mesmo as contribuições teóricas clássicas, que possuem um valor inestimável para o entendimento das desigualdades nas sociedades capitalistas, têm sofrido críticas quando aplicadas duramente, de maneira não articulada a outros enfoques analíticos, pois desta forma elas não atentariam para as várias e minuciosas esferas onde as relações de poder se fazem presentes, o que culminaria no “apagamento” ou no “silenciamento” de algumas experiências sociais em prol da visibilidade analítica que seria destinada a outras. Em resposta a isso, que em algum momento foi visto como uma crise de paradigmas em Ciências Sociais, surgiu uma série de estudos que procura abordar os entrelaçamentos e as várias tramas de formas de opressão existentes na sociedade. Estes trabalhos tem sido chamados de “análises interseccionais”.

Neste número, Mediações tem o prazer de publicar o dossiê “Desigualdades e Interseccionalidades”, organizado pelas Profas. Dras. Silvana Mariano (UEL) e Márcia Macêdo (UFBA), que conseguiu reunir valiosas contribuições por meio das quais as abordagens interseccionais enriquecem a compreensão de experiências sociais pautadas em desigualdades. De acordo com as próprias organizadoras do dossiê, o tema das desigualdades fez-se presente desde a formação das Ciências Sociais e passou por variadas construções e reconstruções teórico-metodológicas. Por seu turno, o tema das interseccionalidades é fruto de (re)elaborações mais recentes e, ainda que esteja preocupado com uma variedade de questões como as identidades, os agenciamentos e as tramas da estrutura social, tem animado novas abordagens sobre as desigualdades sociais. O dossiê trata, portanto, da reiterada e renovada persistência das Ciências

Sociais em compreender e explicar um fenômeno clássico da sociedade, as desigualdades, a partir de diferentes enfoques teóricos, e, neste caso em particular, lança luz especificamente nas abordagens interseccionais.

O conjunto de artigos publicados neste dossiê está constituído por dois blocos de produções: o primeiro, de natureza mais teórica, versa sobre a trajetória de construção do conceito de interseccionalidades, os debates (e embates!) nos campos teórico e da intervenção, bem como alguns limites e possibilidades em torno desta “lente de análise social”; o segundo bloco é composto por textos baseados em pesquisas empíricas e tratam, a partir de uma perspectiva interseccional, de temáticas como empoderamento e trabalho doméstico, mulheres em profissões estigmatizadas (garis), sociabilidades virtuais nas classes populares, mulheres e participação política, desigualdade na política formal e juventude e contravenção. Em seu conjunto, essas pesquisas abarcam questões teóricas e empíricas relativas aos agenciamentos, ao desenvolvimento das capacidades, à autonomia, às possibilidades e limitações para o empoderamento de sujeitos subordinados e às interações entre estrutura social e atores em contextos específicos. Os estudos de gênero destacam-se nessas produções, o que revela fortes influências das abordagens interseccionais em pesquisas sobre mulheres, feminismo e sexualidade, também temas relativamente novos na agenda de pesquisa das ciências sociais. Quanto às categorias analíticas mobilizadas, destacam-se no dossiê primeiramente as intersecções entre gênero, raça e classe, seguidas de articulações entre gênero, sexualidade e classe, assim como entre geração, gênero e classe.

Dialogando de perto com a temática do dossiê, especialmente no que tange às desigualdades pautadas em questões de gênero, o presente número de Mediações também é composto pelos artigos “Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho nos correios: participação feminina, hierarquia profissional e políticas de gestão”, de Tadeu Gomes Teixeira e “Os descaminhos que não chegam lá: representação feminina e os não candidatos”, de Márcio C. Carlomagno, publicados na seção de artigos

livres. Nesses dois casos, os autores procuram analisar como as mulheres se inserem em espaços tradicionalmente e majoritariamente ocupados por homens, seja em uma empresa estatal (a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, ECT) ou nas esferas representativas da elite política brasileira.

Enquanto o texto de Márcio Carlomagno se preocupa em entender como os partidos perpetuam uma desigualdade de gênero por meio de processos de seleção e recrutamento de seus quadros partidários, o artigo de Bruno Fernando da Silva e Bruna Tays Silva “Perfil social e ideologia partidária: uma análise do recrutamento dos candidatos a vereador em Curitiba” parte da análise dos perfis dos candidatos ao cargo de vereador na cidade de Curitiba durante a eleição de 2012 para demonstrar como, em cenários locais e menores, o perfil ideológico dos candidatos acaba assumindo um caráter secundário para a composição dos quadros partidários e das disputas políticas.

Em “A finalidade moral do fazer sociológico: sobre os sentidos do conceito de normal em Émile Durkheim”, de Lucas Hertzog e Raquel Andrade Weiss, os autores realizam uma discussão de cunho teórico. Partindo da análise do conceito de normal e de normalidade na obra de Durkheim, procuram deslindar temas pouco explorados da teoria social durkheimiana, como a finalidade prática para a ciência, a mudança e a ação social. Com isso, conseguem oferecer uma leitura menos óbvia deste autor clássico da literatura sociológica.

O fechamento deste número ficou a cargo das resenhas “As encruzilhadas da democracia”, de Sidnei Ferreira de Vares (acerca do livro “O ódio à democracia”, de Jacques Rancière) e “Efeitos e significados das experiências participativas”, de Luciano Padilha dos Prazeres (baseada no livro “Política, governo e participação popular: conselhos, orçamento participativo e outras experiências”, organizado por Beatriz Heredia et al.).

Convidamos todos/as a uma boa leitura.

*Comissão editorial*